

Marcas do Discipulado

Leitura Bíblica 19

VI. DA TERCEIRA PÁSCOA ATÉ A CHEGADA DE JESUS A BETÂNIA (continuação).

- H. Outra retirada do território de Herodes (continuação).
 - 6. A cura de um menino endemoninhado (Mateus 17:14–21; Marcos 9:14–29; Lucas 9:37–43).
 - 7. Volta para a Galiléia (morte de Jesus novamente predita) (Mateus 17:22, 23; Marcos 9:30–32; Lucas 9:43–45).
- I. A pergunta sobre o tributo ao templo (Mateus 17:24–27).
- J. O ensino sobre a necessidade de ser como as crianças (Mateus 18:1–14; Marcos 9:33–50; Lucas 9:46–50).

INTRODUÇÃO

Durante os últimos dias do ministério terreno de Jesus, Ele Se concentrou na preparação dos apóstolos para a Sua partida. Enquanto viajava, Ele “não queria que ninguém o soubesse; porque ensinava os seus discípulos...” (Marcos 9:30b, 31). A *Bíblia Viva* parafraseia dizendo: “Jesus tentava evitar toda a propaganda, a fim de gastar mais tempo com os seus discípulos”. Um tema recorrente nesse ensino poderia ser expresso pelas palavras: “O que significa ser Meu discípulo”. Os apóstolos precisavam dessas lições; e nós também.

CONFIE NO PODER DE DEUS, E NÃO EM SUA PRÓPRIA CAPACIDADE (MATEUS 17:14–21; MARCOS 9:14–29; LUCAS 9:37–43)

O estudo de hoje começa com Jesus, Pedro, Tiago e João descendo do “monte santo” (2 Pedro 1:18), onde o Senhor fora transfigurado. Quando Moisés desceu do monte após receber os dez mandamentos, ele foi recepcionado pelo tumulto da desobediência (Êxodo 32); quando Cristo desceu do monte após ser transfigurado, Ele foi recepcionado pelo caos da incredulidade.

Um homem havia levado o filho endemoninhado para ser curado por Jesus, mas os discípulos do Senhor não conseguiram expulsar o demônio. Os sempre-presentes e sempre-críticos escribas e fariseus aproveitavam-se da situação para caluniar o ministério de Cristo¹. A falta de fé em todos os presentes (os escribas, a multidão, o pai do menino e até os discípulos de Jesus) impressionou Jesus (Ma-

teus 17:17; Marcos 9:19; Lucas 9:41). Apesar disso, Ele Se mostrou fiel² diante da infidelidade deles, e curou o menino³ (Mateus 17:18; Marcos 9:25, 26; Lucas 9:41).

Mais tarde, quando o Senhor e Seus seguidores estavam a sós, estes indagaram: “Por que motivo não pudemos nós expulsá-lo?” (Mateus 17:19; Marcos 9:28). E Jesus respondeu: “Por causa da pequenez da vossa fé. Pois em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e ele passará. Nada vos será impossível” (Mateus 17:20)⁴. Assim como o pai na história (Marcos 9:24), os discípulos creram (Marcos 9:24)—embora não cressem verdadeiramente (Mateus 17:20). Assim como nós, eles relutavam para ter fé.

Muitos escritores acreditam que os apóstolos não conseguiram expulsar o demônio porque estavam confiando em sua própria capacidade de exorcizar⁵. Paulo escreveu que “não confiemos em nós, e sim no Deus que ressuscita os mortos” (2 Coríntios 1:9). Muito tempo atrás, Davi disse: “Oferecei sacrifícios de justiça e *confiai no Senhor*” (Salmos 4:5; grifo meu). O sábio Salomão ecoou esse sentimento: “Confia no Senhor de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento” (Provérbios 3:5).

²Veja 2 Timóteo 2:13.

³Veja mais sobre este episódio no próximo sermão desta edição.

⁴O relato de Marcos acrescenta: “Esta casta não pode sair senão por meio de oração” (Marcos 9:29). Veja no próximo sermão uma exposição sobre a relação entre oração e fé.

⁵Veja a exposição sobre este incidente de cura na lição “Ajuda-me na minha falta de fé”, nesta edição.

¹Estão implícitas aqui as críticas aos atos e atitudes de Jesus.

Um verdadeiro discípulo reconhece suas próprias deficiências (Romanos 3:10). Ele confia que o Senhor lhe dará forças (veja 2 Samuel 22:31; Salmos 9:10; 37:3, 5; 40:3, 4; 115:10, 11; Isaías 26:4; Filipenses 2:24).

**CONFIE NA PALAVRA DO SENHOR, E NÃO
EM SUA PRÓPRIA SABEDORIA
(MATEUS 17:22, 23; MARCOS 9:30–32;
LUCAS 9:43–45)**

Jesus e os doze apóstolos voltaram dos “lados de Cesaréia de Filipe” (Mateus 16:13; veja Marcos 8:27) para a Galiléia (Mateus 17:22; Marcos 9:30)⁶. Diferentemente do que aconteceu durante as viagens anteriores, Cristo evitou multidões enquanto viajavam por aquela província. Como já foi observado, Jesus “não queria que ninguém o soubesse; porque ensinava os seus discípulos...” (Marcos 9:30, 31).

Um assunto que Jesus retomava constantemente era a Sua morte iminente: “...ensinava os seus discípulos e lhes dizia: O Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens, e o matarão; mas, três dias depois da sua morte, ressuscitará” (Marcos 9:31; veja Mateus 17:22, 23).

Segundo o relato de Lucas, Ele prefaciou esse aviso dizendo: “Fixai nos vossos ouvidos as seguintes palavras” (Lucas 9:44a). Esta é uma expressão gráfica para: “Ouçam, ouçam de fato! Ouçam, pensem e entendam! Ouçam e lembrem-se do que eu digo! Ouçam e entendam!” Ouvir não é o mesmo que escutar. Sempre que o Senhor falar, precisamos deixar que Suas palavras penetrem em nossos ouvidos e mentes, para que encontrem expressão em nossas vidas!

Os discípulos ficaram “entristecidos grandemente” (Mateus 17:23) com as palavras de Jesus; mais uma vez “eles não compreendiam isto” (Marcos 9:32a). Eles não entendiam a afirmação acerca de Sua morte porque a idéia do Messias morto era contrária às suas expectativas messiânicas⁸. Eles não

⁶É incerto quando precisamente eles voltaram para a Galiléia. A maioria dos comentaristas acredita que a transfiguração ocorreu perto de Cesaréia de Filipe, e que, após esse acontecimento, Jesus voltou para a Galiléia. Alguns acreditam que Jesus e os doze já haviam viajado para a Galiléia antes da transfiguração e da cura. Alguns comentaristas acreditam que a viagem para a Galiléia tenha ocorrido entre a transfiguração e a cura.

⁷O relato de Marcos diz “três dias depois” e o de Mateus diz “no terceiro dia”. Para muitos de nós, os dois termos possuem significados diferentes—mas não para os judeus. É bom termos isto em mente quando estudarmos se Jesus permaneceu ou não no túmulo por três dias.

⁸Pouco depois desse aviso da morte de Jesus, os apóstolos começaram a discutir sobre quem era o maior no reino

entendiam a afirmação acerca da Sua ressurreição porque esse conceito era contrário ao que já haviam experimentado (veja Marcos 9:10).

Embora não entendessem, “temiam interrogá-lo” (Marcos 9:32b). Talvez temessem que suas perguntas fossem interpretadas como incredulidade. Talvez temessem ser repreendidos como Pedro (Mateus 16:23). Talvez apenas hesitassem expor sua ignorância. Tempos atrás, ouvi dizer que a única maneira de se obter conhecimento é reconhecendo a própria ignorância. Admitir isso é doloroso, mais porém necessário.

O relato de Lucas sobre este incidente adiciona um detalhe intrigante: “Eles, porém, não entendiam isto, e foi-lhes encoberto para que o não compreendessem...” (Lucas 9:45; grifo meu). Quem ou o que encobriu o significado daquilo para os discípulos? O Senhor pode ter encoberto o significado porque a afirmação de Jesus teria alarmado os discípulos, se eles a tivessem compreendido inteiramente. Satanás pode ter encoberto o significado; afinal, ele está sempre tentando tirar a Palavra das mentes dos homens (Lucas 8:12). Talvez Burton Coffman estivesse certo quando disse: “O encobrimento não foi devido ao desígnio de Deus [eu acrescentaria “nem do diabo”], mas devido às limitações do homem”⁹. É provável que o agente que encobriu o significado tenha sido o preconceito dos apóstolos em relação ao reino.

Independentemente de ser esse o caso, os discípulos realmente *encontraram* dificuldade para aceitar o que o Senhor tinha a dizer sobre Sua morte aproximada, sucedida pelo sepultamento e ressurreição. Uma qualidade essencial do discipulado é aceitar o que o Senhor diz, mesmo que isto discorde das idéias e do raciocínio do seguidor. Paulo enfatizou a futilidade de confiar na sabedoria humana ao escrever:

Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus. Pois está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos instruídos. Onde está o sábio? Onde, o escriba? Onde, o inquiridor deste século? Porventura, não tornou Deus louca a sabedoria do mundo? Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria

(veja Lucas 9:45, 46). Eles ainda tinham em mente um reino físico, terreno e político. Veja em João 12:33 e 34 um exemplo de como o ensino de Jesus sobre a Sua morte confundiu outros judeus que possuíam os mesmos conceitos que os apóstolos.

⁹James Burton Coffman, *Commentary on Luke* (“Comentário sobre Lucas”). Austin, Tex.: Firm Foundation Publishing House, 1975, p. 187.

sabedoria, aprouve a Deus salvar os que crêm pela loucura da pregação (1 Coríntios 1:18–21).

Um verdadeiro discípulo não confia no raciocínio humano (Provérbios 3:5), mas na revelação divina (2 Timóteo 3:16, 17).

PREOCUPE-SE COM A CAUSA DO SENHOR, E NÃO COM SEUS DIREITOS (MATEUS 17:24–27¹⁰)

Enquanto Jesus e Seus discípulos viajavam pela Galiléia, chegaram a uma cidade que servira de quartel-general do Senhor durante Seu ministério naquela província. “Tendo eles chegado a Cafarnaum, dirigiram-se a Pedro os que cobravam o imposto das duas dracmas e perguntaram: Não paga o vosso Mestre as duas dracmas?” (v. 24).

O texto grego contém simplesmente “as duas dracmas”¹¹. A dracma¹² era uma moeda grega quase equivalente ao denário romano já mencionado nesta série de estudos (veja Lucas 7:41; João 6:7)—a diária de um trabalhador braçal¹³ (veja Mateus 20:2).

No texto original, a palavra “imposto” não se encontra no versículo 24, mas Jesus usou o termo no versículo 25. O imposto em questão era o imposto pago ao templo¹⁴. A lei de Moisés determinava que todo homem judeu, a partir de vinte anos, pagasse meio siclo para a manutenção do templo e as despesas de adoração (Êxodo 30:11–16; veja 2 Reis 12:12; 2 Crônicas 24:5–9; Neemias 10:32). O siclo era mais ou menos equivalente a quatro denários ou quatro dracmas, de maneira que meio siclo equivalia a dois denários ou duas dracmas.

Os coletores de impostos, em vez de serem romanos, eram oficiais do templo judeus. O imposto era normalmente pago na primavera, e era começo de outono; mas Cristo passara meses ausente de Cafarnaum (Seu local de residência). Ouvindo que Ele estava de volta, os coletores de impostos foram procurá-IO. Talvez tivessem uma quota para atingir, mas certamente estavam mais interessados em juntar provas incriminatórias contra Ele.

Cristo, muitas vezes, hospedava-Se na casa de Pedro enquanto ficava em Cafarnaum (veja Marcos 1:29, 30; 2:1), por isso os oficiais foram procurá-IO

ali. Encontrando Pedro fora da casa¹⁵, perguntaram: “Não paga o vosso mestre as duas dracmas?” (Mateus 17:24b). Sempre com a palavra na ponta da língua, Pedro respondeu: “Sim” (v. 25a). Talvez ele tenha dito “sim” porque o Senhor já havia pago o imposto anteriormente. Talvez ele tenha dado essa resposta porque sabia que Cristo ensinava a obediência à Lei. Talvez, como geralmente era o caso de Pedro, ele tenha dito apenas a primeira palavra que lhe veio à cabeça.

Qualquer que tenha sido o motivo de Pedro, o Senhor, ciente do que se passara, viu ali uma oportunidade para ensinar uma lição vital. “Ao entrar Pedro em casa”, antes que tivesse a ocasião de relatar o ocorrido, “Jesus se lhe antecipou, dizendo: Simão, que te parece? De quem cobram os reis da terra impostos ou tributo: dos seus filhos ou dos estranhos?” (v. 25b). Pedro não tinha dúvidas sobre esse assunto. Ele respondeu: “Dos estranhos” (v. 26a). Jesus replicou: “Logo, estão isentos os filhos” (v. 26b). A implicação óbvia era que, sendo Jesus o Filho do Rei (Deus), era isento do imposto sobre a casa de Seu Pai (o templo)¹⁶. Em outras palavras, Jesus tinha o direito de não pagar o imposto—mas Pedro precisava aprender que um discípulo não insiste em seus direitos se, ao fazê-IO, prejudicar a causa do seu Senhor.

E Jesus continuou dizendo: “Mas, para que não os escandalizemos, vai ao mar, lança o anzol¹⁷, e o primeiro peixe que fregar, tira-o; e, abrindo-lhe a boca, acharás um estáter¹⁸. Toma-o e entrega-lhes por mim e por ti” (v. 27). Richard Rogers escreveu: “Que paradoxo! Um Rei tão pobre que não podia pagar o imposto do anual templo de apenas meio siclo”¹⁹. A palavra grega traduzida por “estáter” é *sater*, uma moeda grega que valia quatro dracmas²⁰—exatamente o suficiente para pagar o imposto do templo para dois homens.

¹⁵Se o texto diz “ao entrar Pedro em casa” (Mateus 17:25), após conversar com os oficiais, subentende-se que ele estava fora da casa durante a conversa.

¹⁶Jesus não estava necessariamente dizendo que Pedro também era isento; mas que, independentemente disso, a conclusão dEle era a mesma: o imposto deveria ser pago.

¹⁷Sendo um comerciante da pesca, Pedro usava normalmente uma rede (Mateus 4:18), mas uma rede pegaria centenas de peixes. Ele só precisava de um peixe, naquela ocasião.

¹⁸“Um estáter” era a moeda grega equivalente a um siclo.

¹⁹Richard Rogers, *Behold Your King—Book of Matthew* (“Eis o Vosso Rei—Livro de Mateus”). Lubbock, Tex.: Sunset Study Series, s.d., p. 22.

²⁰Esta é a única ocorrência no Novo Testamento desta moeda que valia quatro dracmas.

¹⁰Só Mateus, o ex-coletor de impostos, registrou o incidente do imposto pago ao templo.

¹¹No original grego, “duas dracmas” é uma palavra na forma singular.

¹²A única citação de uma moeda de uma dracma no Novo Testamento é Lucas 15:8, 9. A palavra em Mateus 17 refere-se a uma moeda de duas dracmas.

¹³No Brasil, diríamos “a diária de um salário mínimo”.

¹⁴A NVI diz: “o imposto do templo”.

O milagre que Cristo realizou ali foi ímpar. Foi o único milagre que envolveu dinheiro, foi o único que O beneficiou pessoalmente, foi o único incidente miraculoso cujas conseqüências não foram relatadas, e sem dúvida é o milagre mais estranho realizado pelo Senhor. Com certeza, vemos um toque de humor nas palavras de Jesus instruindo *um pescador*—que sempre abria a boca sem pensar—a encontrar a solução para seu problema na *boca de um peixe*.

Tomemos, porém, o cuidado de não deixar que a peculiaridade do milagre obscureça as palavras-chaves da instrução de Jesus: “Mas, para que não os escandalizemos”. O verbo grego traduzido por “escandalizemos” tem a raiz em comum com a palavra “escandalizar” da língua portuguesa. Cristo não estava preocupado em escandalizar ou ofender a sensibilidade dos oficiais; mas sim em fazer qualquer coisa que denegrisse o Seu ministério. Ele queria que Pedro entendesse que fazer o que é certo tem precedência sobre insistir nos direitos pessoais.

Esse raciocínio é “duro” (João 6:60). É natural insistirmos em nossos direitos. Exigimos receber o que merecemos. Levantamos oposição a todo aquele que nos priva do que é nosso por direito. Jesus nos chama para superarmos esse impulso natural, e avaliarmos sempre como nossos atos poderão afetar a Sua causa. Usando a terminologia do texto bíblico em estudo, se o fato de insistirmos em nossos direitos gerar “um escândalo” relacionado à causa de Cristo, devemos abrir mão desses direitos.

Jesus não só ensinou esse tipo de abnegação, como também viveu de acordo com ele. Vimos uma demonstração disso no começo do Seu ministério terreno: Ele tinha o direito de não ser batizado por João porque Ele “era sem pecado” (Hebreus 4:15; veja Mateus 3:14), mas abriu mão desse direito “para cumprir toda a justiça” (Mateus 3:15). Veremos outra demonstração no fim do ministério de Cristo: Ele tinha o direito de não morrer porque nada fizera para merecer a morte (Lucas 23:4), mas abriu mão do Seu direito para que nós fossemos salvos (1 Coríntios 15:3).

Um verdadeiro discípulo não se preocupa tanto com os seus direitos quanto em ver o Senhor ser glorificado e a Sua causa prosperar!²¹

²¹Paulo escreveu dois discursos longos sobre a necessidade de abrir mão dos direitos pessoais em determinadas circunstâncias (Romanos 14; 1 Coríntios 8–10).

PROMOVA A OBRA DO SENHOR, E NÃO OS SEUS PRÓPRIOS INTERESSES (MATEUS 18:1–14; MARCOS 9:33–50; LUCAS 9:46–50)

Pouco antes, Jesus havia identificado o Seu reino messiânico com a igreja que Ele edificaria (Mateus 16:18, 19). Ele sempre tentava incutir nos Seus seguidores, o fato de que o reino seria espiritual—não terreno, carnal ou político. Esse reino teria como sede os corações dos homens, e não uma localidade no mapa. Os discípulos, porém, não compreendiam nada disso. A falta de entendimento deles é evidente no próximo incidente registrado.

Certo dia, enquanto viajavam, os doze começaram a discutir sobre “qual deles seria o maior” (Lucas 9:46; veja Mateus 18:1; Marcos 9:34). A discussão pode ter sido causada pela promessa que Jesus fez a Pedro (Mateus 16:19) ou pelo fato de Jesus ter levado consigo somente Pedro, Tiago e João ao topo do monte (Mateus 17:1). O texto não fornece detalhes, mas não há motivos para excluir algum dos apóstolos da discussão—nem mesmo Pedro, Tiago e João, os quais provavelmente supunham que o Senhor consideraria seus nomes para os cargos mais altos do suposto reino terreno²².

Assim que alcançaram seu destino²³, Cristo interrogou-lhes: “De que é que discorriéis pelo caminho?” (Marcos 9:33). Inicialmente, nada responderam (Marcos 9:34), provavelmente porque ficaram desconcertados. Todavia, quando tornou-se óbvio que Jesus sabia exatamente o que estavam a discutir (Lucas 9:47), eles perguntaram: “Quem é, porventura, o maior no reino dos céus?” (Mateus 18:1; grifo meu).

A Lição Básica sobre as Crianças

J. W. McGarvey escreveu: “Se Jesus quisesse ensinar que Pedro tem alguma primazia, não encontraria oportunidade melhor”²⁴. Ao contrário disso, Cristo usou a ocasião para ensinar uma lição muitíssimo necessária: “se alguém quer ser o primeiro, será o último e servo de todos... porque aquele que entre vós for o menor de todos, esse é que é grande” (Marcos 9:35; Lucas 9:48b).

Para comunicar essa mensagem, o grande Mestre usou um recurso visual vivo: “E Jesus, chamando-os...”

²²Veja mais adiante Mateus 20:21; Marcos 10:37.

²³Cafarnaum (Marcos 9:33). Evidentemente, fizeram mais coisas na viagem pela Galiléia, voltando em seguida para Cafarnaum.

²⁴J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, pp. 430–31.

do uma criança²⁵, colocou-a no meio deles” (Mateus 18:2). “E, tomando-a nos braços” (Marcos 9:36), disse aos discípulos: “Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus. Portanto, aquele que se humilhar como esta criança, esse é o maior no reino dos céus” (Mateus 18:3, 4).

Muitas verdades podem ser extraídas dessas palavras de Cristo. Por exemplo, elas expõem o erro da doutrina de total condenação hereditária: a crença de que uma criança nasce “totalmente condenada” por causa do pecado de Adão. Jesus disse que precisamos nos tornar *como* crianças para entrar no reino. Novamente, as palavras do Senhor mostram a falácia do conhecido batismo infantil: uma criança já está pronta para o reino e não é necessária nenhuma cerimônia inventada por homens para que ela seja preparada.

Cristo, porém, estava enfocando uma verdade em Sua ilustração: a necessidade de termos humildade²⁶, uma disposição para servir no lugar de ser servido. Naqueles dias, as crianças ficavam na extremidade inferior da escala social. Hoje elas geralmente são as primeiras a serem servidas, mas naqueles dias costumavam ser as últimas. O Senhor estava tentando fazer Seus discípulos verem que, para ter algum valor no Seu reino, teriam de se dispor a assumir um papel humilde²⁷.

A humildade é ensinada em todo o Novo Testamento²⁸. Paulo disse: “Nada façais por partidatismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo” (Filipenses 2:3). E Pedro reiterou:

...outrossim, no trato de uns com os outros, cingi-vos todos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, contudo, aos humildes concede a sua graça. Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno, vos exalte (1 Pedro 5:5, 6).

Para ser o primeiro, é preciso ser o último! Para ser grande, é preciso ser o menor! Esses princípios eram difíceis para um público do primeiro século entender, quanto mais para aceitar. E são duplamente difíceis hoje neste mundo orgulhoso, de auto-

exaltação e autopromoção. Se vocês forem como eu, as palavras de Cristo despertarão em seu coração a oração: “Deus, ajude-me a ser mais humilde. Ajude-me a ser mais parecido com as crianças”.

Lições Secundárias sobre as Crianças

A demonstração visual de Jesus introduziu um discurso contendo uma variedade de ensinamentos que se relacionam direta ou indiretamente às crianças (Mateus 18:5–14; veja especialmente vv. 5, 6, 10 e 14). No desenvolvimento da mensagem, o termo “pequeninos” foi aplicado mais extensamente, incluindo não só as crianças, mas também os discípulos cuja fé era como a das crianças²⁹ (talvez com ênfase especial nos novos convertidos). A maior parte das lições aqui é igualmente aplicável a crianças e a discípulos que são como crianças.

Recebendo os pequeninos (Mateus 18:5; Marcos 9:37; Lucas 9:48–50). Cristo começou esta parte do Seu sermão dizendo que “os pequeninos” devem ser bem-vindos: “Qualquer que receber uma criança, tal como esta, em meu nome, a mim me recebe; e qualquer que a mim me receber, não recebe a mim, mas ao que me enviou” (Marcos 9:37)³⁰. As crianças são especiais. O potencial em cada uma delas—para o bem ou para o mal—é grande. Jamais devemos pensar nelas como estorvos a serem tolerados. Devemos amá-las, orientá-las e tentar protegê-las. Devemos vê-las como personificações da oportunidade. Devemos fazer todo o possível para ensinar e instruir as crianças no caminho certo (Provérbios 22:6).

As palavras de Jesus sobre “receber” pessoas e o uso da expressão “em meu nome” remeteram João a um incidente recente em que ele *não* recebera alguém que estava fazendo uma coisa em nome de Cristo. Como geralmente fazem os estudantes, ele interrompeu seu Mestre: “Mestre, vimos certo homem que, em teu nome, expelia demônios e lho proibimos, porque não segue conosco” (Lucas 9:49).

Quem era esse “certo homem” que João citou? O texto não diz. Visto que esse homem evidentemente expelia demônios, tudo indica que ele não era um falsário—como eram alguns que, posteriormente, tentaram usar o nome de Jesus num exorcis-

²⁵Não poderia ser um dos filhos de Pedro?

²⁶A verdadeira humildade encontra-se na qualidade discutida na seção anterior: abnegação. Em termos gerais, as crianças não se classificam utilizando termos inexpressivos como “grande” ou “insignificante”.

²⁷Nos dias seguintes, Jesus advertiu muitas vezes os discípulos contra a ambição egoísta (veja Mateus 23:8–12; Lucas 22:24–27).

²⁸Veja Lucas 14:11; 18:14; Atos 20:19; Efésios 4:2; Colossenses 3:12; Tiago 4:6; 1 Pedro 3:8.

²⁹Mateus 18:6 cita os “pequeninos que crêem” em Jesus. Marcos 9:37 parece igualar as boas-vindas a um pequenino com o ato de dar um copo d’água fria a *um discípulo*. A ovelha *perdida* de Mateus 18:12, 13 parece referir-se aos “pequeninos” (v. 14).

³⁰Jesus usara anteriormente as mesmas palavras para se referir às pessoas que recebessem Seus discípulos (Mateus 10:40; veja também João 13:20).

mo (Atos 19:13–16). Convém lembrarmos que Jesus tinha outros discípulos além dos doze (Lucas 6:13) e que os apóstolos não eram os únicos a quem o Senhor concedera poderes miraculosos durante Seu ministério terreno (veja Lucas 10:1, 17).

As palavras-chaves da declaração de João podem ser: "...[ele] não segue *conosco*". Em outras palavras, o homem não era um dos doze apóstolos que viajavam com o Senhor naquela ocasião. Lembremos que o cenário dessa discussão foi a ambição invejosa dos apóstolos. Os doze podem ter tido inveja de um outro discípulo de Jesus que, não sendo considerado apóstolo, possuía fé para fazer o que eles foram incapazes de fazer poucos instantes atrás (Mateus 17:16, 19, 20).

Jesus respondeu a João: "Não lho proibais; porque ninguém há que faça milagre em meu nome e, logo a seguir, possa falar mal de mim. Pois quem não é contra nós é por nós" (Marcos 9:39, 40). A idéia principal do Senhor parece óbvia. Ele estava dizendo, com efeito: "Precisamos de todos os amigos que conseguirmos. Tantos estão falando mal de mim hoje que é revigorante saber que pelo menos um não fará isso"³¹.

Infelizmente, alguns usam o versículo 40—"pois quem não é contra nós é por nós"—para ensinar que Cristo aceita qualquer um que se declare "por" Ele e faça boas obras em Seu nome. Insistem estes que devemos aceitar tais indivíduos—independentemente de obedecerem aos mandamentos de Jesus. Essa interpretação faria o versículo contradizer Mateus 7:21–23:

Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade.

Marcos 9:40 é o outro lado³² de uma verdade anunciada anteriormente pelo Senhor: "Quem não é por mim é contra mim; e quem comigo não ajunta espalha" (Mateus 12:30). Quando as duas passagens são colocadas lado a lado, elas declaram a impos-

³¹"Quem não é inimigo declarado pode ser considerado amigo." Robert L. Thomas, ed., e Stanley N. Gundry, ed. ass., *A Harmony of the Gospels* ("Harmonia dos Evangelhos"). Chicago: Moody Press, 1978, p. 125.

³²Poderíamos dizer "o lado B", ou seja, o menos importante.

sibilidade de uma pessoa ser neutra em relação a Jesus.

Em Marcos 9:41 Jesus retomou o tema das boas-vindas, porém aplicando o tópico agora aos Seus apóstolos: "Porquanto, aquele que vos der de beber um copo de água, em meu nome, porque sois de Cristo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão" (Marcos 9:41). Quando o Senhor fez essa afirmação, Ele não estava enumerando todos os requisitos da salvação num único versículo e num único ato. Se Ele estivesse fazendo isso, poderíamos dispensar o convite para crer e ser batizado (Marcos 16:15, 16; Gálatas 3:26, 27); poderíamos apenas dar copos d'água a pessoas e incentivá-las a dar água para os cristãos. Jesus só estava afirmando que Deus Se agrada quando as pessoas incentivam os que usam o Seu nome.

Revitalizando os pequeninos (Mateus 18:6–10; Marcos 9:42–50). Cristo voltou, então, para o tema dos "pequeninos": "Qualquer, porém, que fizer tropeçar a um destes pequeninos que creem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse afogado na profundidade do mar" (Mateus 18:6; veja Marcos 9:42). A palavra grega traduzida por "pedra de moinho" referia-se a uma pedra tão enorme que era movida por um jumento. Ser afogado no mar sob tamanho peso³³ seria uma tragédia, mas não tão grande quanto a tragédia que aguarda os que fazem "os pequeninos" tropeçar.

O ensino é o mesmo aplicando-se o termo "pequeninos" a crianças, a novos convertidos ou a cristãos em geral: devemos nos esforçar para jamais fazer algo que influencie outro a errar (veja Romanos 14:13, 21). Um "ai" é pronunciado sobre aquele que causar esses tropeços (Mateus 18:7).

As palavras de Jesus evocam um auto-exame: estamos fomentando algo que poderia prejudicar a nós e a outros? Se estivermos, isso deve ser arrancado de nossas vidas:

E, se tua mão te faz tropeçar, corta-a; pois é melhor entrares maneta na vida do que, tendo as duas mãos, ires para o inferno, para o fogo inextinguível... E, se teu pé te faz tropeçar, corta-o; é melhor entrares na vida aleijado do que, tendo os dois pés, seres lançado no inferno... E, se um dos teus olhos te faz tropeçar, arranca-o; é melhor entrares no reino de Deus com um só dos teus olhos do que, tendo os dois seres lançado

³³Na antiguidade, algumas civilizações administravam a pena capital amarrando homens a pedras de moinhos e lançando ambos ao mar. Em tempos mais recentes, *gangsters* norte-americanos faziam isso com indivíduos atirando-os em rios, lagos e mares.

no inferno, onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga³⁴ (Marcos 9:43–48).

Jesus usou antes uma terminologia semelhante no sermão do monte (veja Mateus 5:27–30)³⁵. O Senhor não estava incentivando a mutilação do corpo, mas a purificação da alma. Qualquer coisa presente em nossas vidas, que estimule ao mal—por mais preciosa que seja—deve ser implacavelmente aniquilada.

Jesus, falando do inferno, “onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga”, acrescentou estas inesperadas palavras: “Porque cada um será salgado com fogo” (Marcos 9:49)³⁶. Ele já usara a figura do sal antes (Mateus 5:13)³⁷ referindo-se a um agente conservante. A idéia de conservação ou preservação provavelmente também está em vista aqui: os ímpios serão “conservados” no fogo do inferno; ou seja, jamais morrerão. A certeza de ser preservado no céu é um pensamento glorioso; a idéia de ser preservado no inferno é incomparavelmente horrível.

No versículo seguinte, Cristo deu uma outra perspectiva à imagem do sal: “Bom é o sal; mas, se o sal vier a tornar-se insípido, como lhe restaurar o sabor? Tende sal em vós mesmos e paz uns com os outros” (Marcos 9:50). O Senhor estava repetindo a verdade declarada no sermão do monte (Mateus 5:13), acrescentando esta aplicação: se eles continuassem discutindo entre si (Lucas 9:46), perderiam seu poder de salgar; não poderiam ser “o sal da terra”. Precisavam aprender a “ter paz uns com os outros”, assim como você e eu precisamos ter paz um com o outro!

³⁴Evidentemente, Jesus está usando uma linguagem figurada para descrever o inferno (*gehena*): vermes literais não sobrevivem ao fogo literal. É de consenso geral que as figuras dos vermes (larvas) e do fogo provinham do depósito de lixo ao sul de Jerusalém chamado vale de Hinom, ou Bem-Hinom (veja 2 Crônicas 28:3; 33:6; Neemias 11:30; Jeremias 7:31, 32; 19:2, 6; 32:35). A figura de vermes provavelmente refere-se ao tormento eterno de uma consciência culpada (Lucas 16:25–28), enquanto a figura do fogo refere-se à agonia de estar eternamente separado da presença de Deus (2 Tessalonicenses 1:9).

³⁵Veja a exposição sobre esta passagem na página 40 da edição “A Vida de Cristo—Parte 3”, desta série.

³⁶A ERC acrescenta: “e cada sacrifício será salgado com sal”. Essas palavras não constam na maioria dos manuscritos mais antigos, mas reforçam o conceito de preservação: na época do Antigo Testamento, o sal da aliança (Levítico 2:13) purificava e conservava o sacrifício.

³⁷Reveja a lição “Vocês valem mais do que pensam”, na edição “A Vida de Cristo—Parte 3”, desta série.

*Respeitando os pequeninos (Mateus 18:10)*³⁸. Mais uma vez, Jesus voltou ao tema dos “pequeninos”: “Vede, não desprezeis a qualquer destes pequeninos; porque eu vos afirmo que os seus anjos nos céus vêm incessantemente a face de meu Pai celeste” (Mateus 18:10). A palavra grega traduzida por “desprezeis” é uma combinação dos vocábulos equivalentes a “para baixo” e “mente”. Significa “subestimar” ou “menosprezar” outro indivíduo. Jamais devemos menosprezar as crianças... nem um novo convertido... nem qualquer outro filho de Deus. Cada um é precioso aos olhos de Deus.

A última parte do versículo 10 é fascinante e ao mesmo tempo intrigante: “porque eu vos afirmo que os seus anjos nos céus vêm incessantemente a face de meu Pai celeste”. Estas poucas palavras incitaram as incontáveis resmas escritas sobre “anjos da guarda”. A Bíblia de fato ensina que os anjos são “espíritos ministradores, enviados para serviço a favor dos que não de herdar a salvação” (Hebreus 1:14). Além disso, citando McGarvey, este versículo sugere que “a ministração dos anjos não é só geral, mas também é especial, sendo que alguns anjos foram incumbidos de cuidar de determinados indivíduos”³⁹. Qualquer coisa além dessas verdades gerais é mera especulação.

O fato de crianças morrerem todos os dias, às vezes de maneiras horríveis, deveria ser o suficiente para nos convencer de que os “anjos da guarda” não estão autorizados a interferir nas leis naturais de Deus. De fato, o teor geral da Palavra de Deus sugere que a principal preocupação deles não é com a morte física, mas com o bem-estar espiritual. Certamente faríamos bem em considerar Mateus 18:10 como mais uma simples prova de que Deus cuida dos Seus e parar por aí (1 Pedro 5:7; veja Ezequiel 34:12).

Restaurando os pequeninos (Mateus 18:12–14). O Senhor concluiu Seu ensino sobre “os pequeninos” com uma ilustração conhecida à maioria de nós:

Que vos parece? Se um homem tiver cem ovelhas, e uma delas se extraviar, não deixará ele nos montes as noventa e nove, indo procurar a que se extraviou? E, se porventura a encontra, em verdade vos digo que maior prazer sentirá por causa desta do que pelas noventa e nove que não se extraviaram. Assim, pois, não é da vontade de vosso Pai celeste que pereça um só destes pequeninos (Mateus 18:12–14).

³⁸A ERC acrescenta o versículo 11 sem inseri-lo entre colchetes por não constar dos manuscritos mais antigos. Encontraremos essas palavras mais adiante, em Lucas 19:10.

³⁹McGarvey e Pendleton, p. 434.

Mais tarde, Jesus juntou a figura de uma ovelha perdida com as figuras de uma moeda perdida e um filho perdido para compor um dos capítulos mais memoráveis da Bíblia: Lucas 15. A idéia principal aqui é a mesma desse capítulo: Deus “é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento” (2 Pedro 3:9).

Novamente, a aplicação pode ser feita a uma diversidade de “pequeninos”: criancinhas crescem e se dispersam nas montanhas do pecado (Romanos 3:23); precisamos trazê-las brandamente de volta ao Senhor. Um novo convertido—ou um velho convertido—pode desviar-se da fé (veja Hebreus 2:1); precisamos “corrigi-lo com espírito de brandura” (Gálatas 6:1; veja Tiago 5:19, 20).

CONCLUSÃO

O discurso de Jesus não terminara ainda. Como veremos, Ele foi muito específico em relação ao relacionamento entre irmãos na fé (Mateus 18:15–35). Teremos de esperar até a próxima lição para discutir esse assunto vital.

Retomemos, por ora⁴⁰, a afirmação de Jesus em Mateus 18:3 e 4: “Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus. Portanto, aquele que se humilhar como esta criança, esse é o maior no reino dos céus”. Esta lição nos mostrou que, sem nos humilharmos como uma criança, não poderemos ser *grandes* no reino; por isso convém destacar que ninguém pode *entrar* no reino sem ter esse tipo de humildade.

Alguns são orgulhosos demais para admitir que estão perdidos no pecado; alguns são orgulhosos demais para reconhecer que precisam de Jesus; alguns são orgulhosos demais para sujeitar-se à vontade dEle sendo batizados. Esse tipo de orgulho destruirá muitas almas! Oramos para que esse or-

gulho danoso não dirija a sua vida⁴¹. Se você precisa fazer a vontade do Senhor, jogue fora o seu orgulho e faça isso hoje mesmo!

NOTAS

Muitos segmentos desta lição poderiam ser desenvolvidos como sermões à parte. Um sermão sobre a cura do menino possesso virá logo a seguir. Uma outra perspectiva desta história seria “Do Topo do Monte ao Vale”, explicando que precisamos de experiências ocasionais “no topo do monte”, mas é nos vales que vivemos a vida. Uma outra perspectiva dessa história poderia ser “O Dia em que Jesus Ficou Frustrado”, com ênfase adicional à nossa tendência de permitir que situações nos causem frustração.

O encantador milagre da moeda tirada da boca de um peixe poderia servir de base para um discurso sobre o cuidado de não denegrimos a obra do Senhor. Os ensinamentos de Jesus sobre “os pequeninos” poderiam servir para uma variedade de propósitos, como ensinar sobre nossa responsabilidade com os filhos e as crianças em geral, nossa responsabilidade com os novos-convertidos e assim por diante. O desafio do cristão de ser como uma criança já inspirou muitos sermões. Um título que já utilizei foi: “Seja como uma criança sem ser infantil”.

Uma observação final: Mateus 18:15–35 enquadra-se mais naturalmente nesta lição do que na lição que vem a seguir. Concluímos a presente lição com o versículo 14 visando distribuir melhor as leituras bíblicas propostas para as duas lições. Se quiser incluir os versículos 15 a 35 nesta apresentação com o intuito de finalizar o último discurso de Jesus em Seu grande ministério pela Galiléia, sugerimos que acrescentemos uma quinta “marca do discipulado”: “Deixe-se guiar pelas instruções do Senhor, e não pelos seus próprios sentimentos”.

⁴⁰O espaço não nos permite fazer uma revisão dos pontos principais da lição a esta altura; mas, se quiser, faça essa revisão com seus ouvintes.

⁴¹Aqui está uma amostra de passagens do Novo Testamento sobre orgulho: Romanos 1:30; 2 Timóteo 3:2; Tiago 4:6; 1 João 2:16.